

HELENA MARQUES: “O ÚLTIMO CAIS”

Jaime Raposo Costa¹

Helena Marques. *O Último Cais*. Publicações D. Quixote. O romance chegou-me a Brasília pelas mãos do Embaixador Leonardo Mathias e o comentário: *é livro para se saborear lentamente com o prazer com que se bebem certos vinhos da Madeira*. Leonardo Mathias é um homem culto, gastrônomo exigente, sofisticado degustador de tintos. Captei a mensagem e entrei a *provar* o primeiro capítulo do premiado romance de Helena Marques. Segui, em frente, com apetite e ao virar da última página concluí que o embaixador tinha razão. *O Último Cais* foi cozinhado em panela de barro sobre fogo lento, em fogão a lenha. Mão sábia e experiente cortou as carnes e separou os pedaços certos que deixou nos condimentos por mais de um longa noite...

O Último Cais oferece ao leitor o desenrolar da vida ora repousante ora buliçosa de uma estação de longa espera que nos leva a entrar *nesse lado de cá do tempo* e a divisar por portas apenas entreabertas o *prazer de descobertas* sem que a noção de limite se imponha no horizonte. Helena Marques recria o movimento do ser humano, ele mesmo uma ilha rodeada de conceitos, ilhéu sujeito a normas para as quais não concorreu, e das quais se quer libertar, mas sem direito a recorrer à ruptura aberta que desgasta e marginaliza e é obrigado à solução da ultrapassagem respeitosa e tolerada.

O enredo de *O Último Cais* desvenda-se através de um desfile de painéis ou, melhor, de um sucessão de *quadros vivos* em que os cenários

(1) Conselheiro Cultural e de Imprensa junto da Embaixada de Portugal em Brasília. Tem diversos trabalhos publicados sobre História e temas literários.

estão cheios de pinceladas e pormenores que não cansam, antes enriquecem porque respondem à nossa curiosidade sobre o próprio ambiente das *histórias* que reconstituem uma época e um espaço que teve — e ainda tem — fronteira própria e que envolveu Portugal até às décadas de 40 e 50. Por isso mesmo, o romance desperta no leitor *sabores* que lhe foram familiares, leva-o a indagar-se como conviveu com as suas próprias interrogações, como se comportou face ao desejo de se rebelar e que consequências colheu das suas fraquezas. O meu mundo e talvez o seu mundo, se você, meu leitor, passou a casa dos 50 anos, está neste livro de Helena Marques, de que são dois exemplos, à margem, as *velhas meninas*, aquelas solteironas que nas famílias ocupavam o papel do coro nas tragédias gregas: *não fazem parte da história, mas sem elas a história não teria eco, nem fundo, nem força*; e as *velhas criadas*, *um círculo social, uma segunda tertúlia, respeitadas pela sua influência, pela confiança que gozavam, pelo acesso fácil à intimidade das senhoras e à confiança dos meninos chegados à idade dos primeiros sobressaltos amorosos*, mas que bebem *em copos de vidro grosso que aos cristais não chega o seu estatuto*.

A técnica de Helena Marques para conduzir o seu leitor pode encontrar o paradigma em Constança, uma personagem que, como todas as outras, mas talvez de maneira mais explícita, tem também uma história onde o *ponto neurálgico* implica evocação de acontecimentos, interpretação de silêncios entre episódios, referências a circunstâncias supérfluas, saltos sobre aspectos que parecem fazer falta à compreensão do drama humano, tudo conduzido de maneira a urdir o bordado para deixar completa a longa toalha da vida, que a autora tem mãos de bordadeira. É com essa técnica de bordadeira que Helena Marques vai construindo os pontos que ligam o passado aos grandes passos para o futuro. Pontos de frases simples que carregam os ventos das mudanças: *os criados vieram fechar as janelas e retirar as flores das jarras como mandava a tradição... Não fechem as janelas nem tirem as flores, a mãe detestava essas coisas, a mãe gostava do sol, das flores, do mar, não fechem nenhuma das janelas desta casa*. As pontes de reflexão estão semeadas por todo o texto, porém, sem ousadias, mantido o respeito pelas forças tradicionais e pelo domínio da religião que oprime até o ministros da Igreja. É ouvir o Cônego Dias a dirigir-se a Deus e a perguntar: *E se uma fé inquestionável é o que exige de nós, porque nos criastes livres e racionais?*

O romance de Helena Marques parece deixar subentendido que são as mulheres, num mundo de homens, quem carregam a missão de estabelecer a passagem entre as *conveniências* de ontem e os novos *rumos* do amanhã. Embora haja sempre espaço para *sonhar com uma eternidade em que as regras sejam outras e o sofrimento acumulado valha como moeda de compensação*, a mensagem da autora é que a vida é uma escada que tem de ser subida de degrau em degrau. Compete às *insubmissas* tirar o pé do passado, carregar sobre os ombros o peso dos limiares do futuro e,

numa marcha lenta, mas decidida, avançar para os andares superiores da convivência humana. Mas o livro, com o seus nove personagens femininos e três homens a reboque, não é uma história de mulheres. É uma avaliação desapassionada de contextos no espaço fechado de uma ilha em que Marcos Vaz de Lacerda estabelece as ligações de um tempo dividido nesses *quadros vivos* que são o grande mural de uma sociedade numa época. Acho que aqui e ali nos encontramos nesse mural porque é isso que todos nós somos: figurantes — ativos ou passivos, mas sempre figurantes — de uma ilha onde, do cais da chegada ao cais da partida, convivemos com regras que nos levam a enfrentar preconceitos, a sucumbir a limitações e a tentar concretizar aspirações.

Helena Marques entra na literatura portuguesa como uma escritora que atrai passageiros para as suas *viagens*. No meu cais, eu, ilhéu, já estou a aguardar o seu próximo barco porque *a vida é assim numa ilha, os barcos levam e trazem, ligam e desligam, sem navios as ilhas não seriam mundo, ninguém saberia delas nem das suas gentes, seria como se não existissem...*